

Rogério Valdez

Um cara tentando levar a vida de uma forma que ela seja mais agradável. Um cara que pensa que a vida deveria ser uma festa contínua, pois assim ele foi criado – o pai já pensava dessa forma. Um cara socialmente um pouco tímido, apesar de ser artista. Um artista, diga-se de passagem, com uma agenda de horários apertados. A conversa com Geraldo Roca aconteceu em sua casa, em Campo Grande, em uma noite de sábado, pelo horário quase chegando no domingo, antes que ele sáísse para mais um compromisso: um encontro entre artistas do Estado, onde se apresentaria.

Apaixonado pelo folk, Geraldo Roca traz o ritmo para suas composições misturando com elementos do rock. Começou sua carreira por volta dos 13 anos no Rio de Janeiro, cidade onde nasceu e viveu durante boa parte da vida. Na época tocava violão e guitarra em uma banda chamada The Yellow Bird, que fazia cover de bandas como Beatles e Rolling Stones. Mais tarde seu grupo se tornaria a banda Kaos, com “canções mais pesadas”. Para exemplificar, Roca cita o nome de uma música do antigo repertório, intitulada Mate a Família e Vá ao Cinema. Nesta fase tinha em torno de 17 anos de idade. Repetiu o primeiro ano colegial e veio para Campo Grande morar com os tios e estudar. Seu primeiro disco foi um compacto feito através da gravadora Bandeirantes Discos, já fruto de uma temporada em São Paulo na década de 1970.

Seu trabalho mais conhecido é Trem do Pantanal, produzida em parceria com o amigo Paulo Simões, a quem Geraldo se refere como Paulinho. “Fizemos a música exatamente durante uma viagem no trem do pantanal e ela ficou pronta em menos de 30 minutos”, diz. O título original da música é Todos os Trilhos da Terra, que fala essencialmente sobre um homem que foge da ditadura sendo perseguido por estar politicamente

O cara

Folk-rock de Roca pulsa em MS há quatro décadas

Mr. Tambourine Man



Completo - Além de compositor , Roca interpreta canções com voz marcante

do lado errado, esta seria a significação dos trilhos.

Foi também ao lado do Paulinho que Roca viveu o melhor dia de sua vida. “Estávamos em Cuzco, no Peru, na Praça del Armas, quando o Paulinho pegou o violão e começou a tocar Mr. Tambourine Man, umas pessoas que estavam passando por ali deixavam umas moedas num chapéu que estava no chão. Só estávamos tocando mas as pessoas davam dinheiro, foi quando uma mulher americana que também estava ali com um carrinho de bebê virou o carrinho para nós e a criança tinha lindos e grandes olhos azuis, olhando a gente tocar... naquele instante, para mim a vida realmente fez sentido”, conta o artista, referindo-se a uma viagem feita em meados de 1977.

Sobre amizade Roca diz que “ninguém tem muitos

amigos. Eu tenho grandes e bons amigos”. Seu assessor e amigo, Patrick Azevedo declara não existir uma relação somente profissional, para ele Roca é um bom amigo e um cara genial.

Em família, Geraldo Roca é um pai superprotetor, o que na visão de familiares é uma surpresa, uma vez que sempre foi o “p*loca” da linhagem com uma vida de músico, cabelo comprido e calças remendadas. Seu filho tem hoje 18 anos e está morando nos Estados Unidos. Ele é fruto do segundo casamento de Geraldo que tem três ex-esposas. “No meu primeiro casamento eu só tinha 18 anos e ficamos 14 anos juntos. Meu filho veio no segundo relacionamento e foi planejado, veio em uma época que eu desejava mesmo constituir uma família”, completa.



MOCHILEIRA

Primeira versão

Geraldo Roca

Mochileira deite comigo essa noite
E conte aquela velha história
De como as noites são claras em Machu Pitchu
E os dias dourados na Califórnia

Moça eu não vou precisar
Ler na sua mão pra saber
Que você não vai voltar
Pra vida maluca das pessoas
Do mundo
Das formigas tentando
Se esconder da chuva

Pedro saiu numa barca pro Nepal
Vera estava em Amsterdã
Porque não tentar algo mais divertido
Que casar com executivos
E acabar achando excitante
A reunião semanal da confraria
Dos amantes das delícias da boa
Velha tecnocracia

Dance mochileira que eu toco a guitarra

Moça eu sei que não é legal
Ficar sozinha quando o velho medo vem
E essa noite em Cuzco é tão fria
Me passe a garrafa de vinho
Sim eu posso ver
Que os tempos tem sido maus com você

Mas os Deuses eles sabem
Que valeu a pena segurar essa barra
Moça o céu é seu amigo
Enquanto durar essa farra
E você depois é mesmo
Do tipo de cigarra
Que canta na chuva

Dance mochileira que eu toco a guitarra

Foto: www.overmundo.com.br



Ativo - Aos 17 anos Roca chegou a Campo Grande e participa ativamente da cena regional



Nacional-Apesar do vínculo com a terra de Mato Grosso do Sul, Porto rodou o mundo e tocou com grandes artistas nacionais, como Pena Branca e Xavantinho e Renato Teixeira

O viajante

O campo-grandense Antônio Porto carrega em seu container uma mistura musical de suas várias viagens

Nosso nômade do instrumento

Juliana Gonçalves

Antônio Porto ou Toninho Porto, como também é conhecido, nasceu em 29 de janeiro de 1966, aqui mesmo. Mas é um campo-grandense nômade, viagens é o que não faltam no currículo deste instrumentista. Ele tem uma enorme bagagem cultural conquistada durante suas idas e vindas por países como Itália, Áustria, Alemanha, Estados Unidos, África e Ásia Menor.

Descendente de uma família de nordestinos, músicos não profissionais, mas que levavam a música muito próxima ao dia-a-dia, tem um irmão e duas irmãs que também foram influenciados pelos pais, mas só ele seguiu profissionalmente a carreira musical.

Morou nos internatos católicos do interior de São Paulo até os 16 anos. E não demorou muito até que a paixão pela música dominasse o sangue que corre pelas veias. A facilidade para manusear e tirar um lindo som, do que quer que fosse, fez com que ele virasse um

dos mais requisitados instrumentistas de Mato Grosso do Sul.

Nos anos 80, ele saiu de São Paulo para tocar com artistas como Renato Teixeira. Em 1988 resolveu fazer o que considera o ponta pé inicial para a vida de nômade, e o que fez despertar a curiosidade para outras culturas e influências, indo morar na Áustria,

onde ficou por 10 anos.

Enquanto passou dois anos aprendendo o alemão, tocou em bandas de jazz, de reggae e teve contato com músicos da África, que acabaram o influenciando definitivamente, até nas roupas descoloridas e de tons alegres que veste, o bom humor, cercado de sorrisos e jeito irreverente ao se apresentar

também são características de uma cara humilde e com muito pra contar.

Na década de 90, voltou a morar em São Paulo, quando chegou a acompanhar Pena Branca e Xavantinho, boas lembranças como recorda. Com a morte de Xavantinho em 1999, retornou em 2000 para Campo Grande, neste tempo ainda chegou a tentar

morar no Rio de Janeiro, mas acabou não dando certo.

Toninho é um cara de muitas histórias doidas, mas até que engraçadas. Segundo ele, uma vez que foi tocar, em São Paulo, na festa da Sabesp, onde havia convidados ilustres como o Fernando Henrique Cardoso e outros. Lem-

bra que estava bem bêbado. E claro à vontade de fazer xixi apareceu. “O banheiro estava longe, e não ia dar pra chegar. Não tive dúvida. Virei para trás do palco e mijei num vasinho. Foi muito engraçado contar isso depois ninguém acreditava”, relembra entre risos.



Laços - Da família nordestina, Porto recebeu a semente da música que floresceu no sucesso instrumental

CADA VEZ NO AMANHECER

Toninho Porto

O amor que move a Terra move
As esperanças que nos removem
Por gerações e tempos
Procurando por soluções
E a luz que envolve o sol dissolve
A todo gelo que ainda envolve
Os corações sedentos
Renegando suas paixões

Vamos vivendo deixe os carinhos
Trilharem certo o nosso destino
E a luz nascendo em nosso caminho
A cada vez no amanhecer

Eu me regenero só porque quero
A paz na terra
Nos dois hemisférios
A cada estação que chega eu só quero
A paz na Terra
Porque mistérios

nannanananananananana...

Paulo Simões

Ouviente vira passageiro de viagem poética

Maquinista do Trem das coisas boas



Mistura - As influências culturais nordestinas e cariocas ajudaram a compor o repertório poético do artista em Mato Grosso do Sul

TREM DO PANTANAL

Paulo Simões
Geraldo Roca

Enquanto esse velho trem
Atravessa o Pantanal
As estrelas do Cruzeiro
Fazem um sinal
De que esse é o melhor caminho
Pra quem é como eu
Mais um fugitivo da guerra

Enquanto esse velho trem
Atravessa o Pantanal
O povo lá em casa espera

Que eu mande um postal
Dizendo que eu estou muito bem
E vivo
Rumo a Santa Cruz de La Sierra

Enquanto esse velho trem
Atravessa o Pantanal
Só meu coração está
Batendo desigual
Ele agora sabe que o medo
Viaja também
Sobre todos os trilhos da Terra
Rumo a Santa Cruz de La Sierra
Sobre todos os trilhos da Terra

Cláudia Basso

Paulo Jorge Correa Simões Filho, um carioca criado na capital sul mato-grossense, cantor e compositor revolucionário da música regional, mais conhecido como Paulo Simões, Paulinho, para os amigos. Nascido em fevereiro de 1953 o aquariano veio para Campo Grande com poucos meses de vida e só retornava ao Rio de Janeiro para visitar os outros familiares que ficaram por lá, foi quando começou a despertar seu fascínio por trens. “Eu associava o trem a duas coisas boas, férias e ir para o Rio, achava tudo maravilhoso”.

Paulo não consegue falar dele mesmo sem falar da música, ela esteve presente em todos os passos de sua vida e devido à oportunidade de acompanhar o movimento artístico em vários cantos do Brasil, teve uma infância marcada pela miscigenação cultural. “Minha mãe era filha de nordestinos, meu pai de cariocas então eu acompanhava os dois mundos e ouvia ainda as músicas regionais nas festas em fazendas e as internacionais através do rádio”. Ele conta ainda que suas irmãs mais velhas faziam aulas de piano, imprescindível na época e pouco depois foram aprender violão foi quando o ensinaram dedilhar algumas músicas de fim de ano, mas ele como sempre querendo mais, resolveu aprender outras músicas e já entre seus sete e treze anos tirou a primeira letra do violão. “Chamava Gatinha Manhosa, do Erasmo Carlos”, relembra orgulhoso.

O menino prodígio também gostava de jogar bola. “Eu ia à escola pra jogar, estudava só o essencial para minha mãe não se preocupar”, relembra dando gargalhadas. Mas a música era mesmo sua paixão, ainda na adolescência montou um grupo recrutando nomes como Geraldo Espíndola, Geraldo Rocca e cujo nome era Os Bizarros que recebeu muita influência do Rock após sua ida para os Estados Unidos e começaram então a causar impacto por onde passavam, misturando ritmos e renovan-

do o estilo regional, impulsionando assim a banda.

Anos mais tarde o botafoguense entrou na PUC do Rio de Janeiro em Comunicação Social. “Eu até gostava um pouco de Jornalismo, minha mãe sonhava que eu fosse um bom jornalista, mas eu re-lutei, estudava no piloto automático e pensava em música o dia todo”, ri Simões ao lembrar e ressalta: “Eu sabia que ia ser artista mesmo”.

Ao longo de todos esses anos Paulo colecionou muitos amigos destes, inúmeros se tornaram parceiros. “Considero o Paulinho um irmão, o conheço desde criança. Ele é inteligente, dedicado, o mais atuante do Tri Pé”, diz Jerry Espíndola que confirma ainda a irreverência de Paulo Simões contando a gargalhadas o dia em que ele atropelou sua própria viola.

Paulo sempre teve certeza de sua vocação, gosta muito de ser reconhecido na rua, apesar de Campo Grande não ser seu maior palco. “Eu vou para onde me abrem caminhos, Rio, São Paulo, Estados Unidos. Sei que minha música não vende muito, mas me dá a sensação impagável de ser livre, de fazer o que quero”, conclui ele com brilho no olhar.

“Para mim ele é um desbravador, inventor do que eu chamaria de Bossa do Pantanal”, conta Rodrigo Teixeira, amigo há mais de dez anos e admirador de seu trabalho.



Companhia - Em sua coleção de amigos, estão muitos parceiros musicais



Sabedoria - Paulo Simões cursou Comunicação Social na Puc do Rio de Janeiro, até tinha jeito para o jornalismo, mas a alma de artista foi mais forte que a veia informativa, a poesia venceu o real



Festança - É com o toque dos dedos na viola que Almir Sater expressa toda a poesia de quem vive no Pantanal e aprecia as belezas e singularidades deste lugar especial do Planeta Terra

Pantaneiro

O talento com a viola fez de Almir Sater um dos sul-mato-grossenses mais conhecidos em todo o Brasil

...quando o violeiro toca...



Curiosidade -O campo-grandense Sater decidiu pela viola em uma praça no RJ



Raridade -Sater tem fascínio pelo som da viola e diz que em MS esse som é raro

Sarah Isernhagen

Quando criança gostava de fazendas, bois e do som da viola. E para juntar as paixões foi preciso sair de Campo Grande, onde nasceu, e parar no Largo do Machado, no Rio de Janeiro, quando topou com dois violeiros mineiros tocando no meio da praça. Tinha vinte e poucos anos e decidiu, nesse momento, largar o curso de Direito e voltar para casa, para tocar viola. “Aí vi os mineirinhos na praça e pensei: vou pro Mato Grosso. Viola e Rio de Janeiro não combinam”. Suas composições falando de fronteiras, águas, canoas, boiadas, peões, varandas, galopes e pássaros, assim como suas obras instrumentais, fizeram dele, desde a década de 80, um músico singular.

Apesar de participar de novelas como ator, sua vocação é mesmo a de compor, cantar e tocar viola. Isso começou cedo. Os amigos do pai, em Campo Grande, gos-

tavam de bossa nova. Almir estudava violão, mas ouvia viola no rádio, naqueles programas de madrugada, hora de caipira acordar para pegar na enxada, ‘hora de cuspir’, como brinca o povo da roça.

“Esse som sempre me fascinou. É um sentimento, uma tara e eu nunca soube por que. É a minha sina. No Mato Grosso não tem quase violeiro, Dona Helena Meirelles pra mim foi uma surpresa. Conheci alguns poucos, influenciados pelos mineiros. Lá não tem tradição de viola, só de violão, sanfona e harpa paraguaia, música de fronteira”.

“Para o Almir a viola e boi é combinação tão perfeita quanto goiabada e queijo”, contou o seu velho amigo Oscar Mello que trabalhou como apicultor em sua Fazenda Murundu, no Pantanal durante 5 anos. Seo Mello também falou que “o mato” é onde ele se sente a vontade, no meio do curral, montando cavalos, ouvindo som de berrante. “Campo Grande naquela épo-

ca não era desenvolvida como hoje, e as fazendas de gado ainda rodeavam a cidade”, lembra o violeiro. Almir ia sempre à fazenda de seus tios e insistia, em vão, para que o pai comprasse uma, naquele tempo de fartura de terras. ‘Deus me livre. Quando você crescer você arruma a sua e eu vou lá passear’, contou Seo pai Fuad Sater se lembrando daquela época, que gostava de cavalos, mas somente nas raias do Jóquei.

Conseguir a fazenda seria a segunda etapa de sua vida. Na primeira estava o seu encontro com a viola.

O que mais gosta é estar rodeado pela esposa Ana, pelos filhos Yan Bento e Gabriel. No meio do mato, é o seu lugar e ninguém melhor que Almir para traduzir em poesia os encantos pantaneiros. Mês de Maio, composta nas barrancas do Rio Negro, fala da terra onde ele ergueu sua querida Murundu, um abrigo de violeiro rústico e acolhedor. “Para mim, bastariam dois paus e uma rede.”

Nossa viagem não é
ligeira
Ninguém tem pressa de
chegar
A nossa estrada é
boiadeira
Não interessa onde vai
dar
Onde a Comitiva
Esperança
Chega já começa a
festança
Através do Rio Negro,
Nhecolândia e Paiguás
Vai descendo o Piquiri
O São Lourenço e o Paraguai

Tá de passagem, abre a
porteira
Conforme for, pra
pernoitar

Se é gente boa,
hospitaleira
A Comitiva vai tocar
Moda ligeira que é uma
doideira
Assanha o povo e faz
dançar
Ou moda lenta que faz

sonhar
Quando a Comitiva
Esperança
Chega já começa a festança

Através do Rio Negro
Nhecolândia e Paiguás

Vai descendo o Piquiri
O São Lourenço e o Paraguai
É tempo bão que tava por lá
Nem vontade de regressar
Só voltamos vou confessar

É que as água chegaram em
janeiro

Deslocamos um barco ligeiro

Fomos pra Corumbá...

COMITIVA ESPERANÇA

Paulo Simões e Almir Sater

Ele já cantou para Bardot e foi premiado com um Sharp

Fígar vale ouro pra nossa casa

Victor Barone

“Um cara que gosta de cantar... O resto acontece... ou não...”. É assim que se define um dos ícones da velha guarda da música popular sul-mato-groesense, o cantor, compositor e instrumentista João Fígar, 48.

Dono de uma extensa bagagem musical, Fígar canta desde os nove anos de idade, quando ganhou o prêmio de melhor intérprete no festival “Roda da Canção Infan-

til”, realizado no Teatro Glauce Rocha, em 1960. Aos 15, integrou o grupo Therra, ao lado de Carlos Colman, Roberto Espíndola e Orlando Brito.

Proveniente de um celeiro cultural efervescente, participou do grupo Tetê e o Lírio Selvagem, do qual despontaram, entre outros, Almir Sater, Tetê e Alzira Espíndola. Seu primeiro registro fonográfico ocorreu em 1982, no LP “Prata da Casa”, uma coletânea das principais

expressões musicais do Estado, lançado em 1982.

Mais maduro, aos 22 anos, içou velas rumo à Europa, onde participou de uma série de apresentações com o grupo Azamba. Na França, os shows levaram Fígar a um salão de festas da Torre Eiffel e a teatros pela cidade luz. Em seguida apresentou-se em Saint Tropez (a convite da atriz Brigitte Bardot), na Suíça, Inglaterra e na Itália (a convite do jogador Zico).

A música também foi um veículo para que o artista exercesse um papel importante nos primórdios do movimento ecológico. Foi em 1997, com o projeto “Pantanal - Alerta Brasil”, um manifesto pela preservação do Pantanal que mereceu um especial na TV Globo (Som Brasil Especial) e deu vida a um disco homônimo produzido pela gravadora Reserva Nacional. Ao lado de gente como Ney Matogrosso, Almir Sater e Tetê Espíndola, Fígar colaborou com o início de uma construção de consciência coletiva a respeito da importância do Pantanal para o Brasil e o mundo.



Top - Com carreira iniciada aos 9 anos, Fígar impressiona como compositor e intérprete

Longa Estrada

O primeiro disco solo, “João Fígar”, foi lançado pela gravadora 3M, em 1988. O sucesso foi imediato e o trabalho foi indicado para o prêmio Sharp (cantor revelação pop/rock), ao lado de Ed Mota e Fábio Fonseca.

A partir daí a qualidade do trabalho ficou evidente, em especial sua capacidade de trabalhar em parcerias. Este dom culminou com o disco “Rondon & Fígar”, lançado pela gravadora Eldorado, em 1991.

O jornal O Estado de São Paulo assim recebeu o lançamento: “Música brasileira da

boa, daquela que dá prazer de ouvir, lembra como é? É como Guilherme Rondon e João Fígar se apresentam neste álbum. A música composta por Rondon, sempre com parcerias interessantes, encontra na voz límpida de Fígar a interpretação ideal”, O disco recebeu três indicações para o Prêmio Sharp, tendo a canção “Paiaguás” ganhado o de Melhor Música Regional.

João Fígar ainda participou da coletânea de música regional “Mato Grosso do Som” e de eventos importantes como o Encontro Cultural do Mercosul, Projeto

Pixinguinha (ao lado de Miucha e Cristina Buarque), além de levar sua arte a todo o Brasil em shows e festivais.

Em 2002 lançou o CD “Águas do Pantanal” e em 2003 emprestou seu talento ao Festival de Inverno de Bonito, apresentando-se na abertura do Festival, precedendo o show de Zélia Duncan. Seu mais recente registro musical está no CD GerAções (2006).

Karina Marques nasceu com o dom da música

Kleber Gutierrez

Tudo teve início com um violão. Dessa forma, a cantora e compositora, Karina Marques Nogueira teve seu talento despertado para a área musical. A partir das aulas em uma igreja, o gosto pelo novo foi crescendo até se tornar uma profissão que trouxe junto consigo transformações. Por de lado o curso de Direito para se dedicar a apresentações na noite campo-grandense foi só o primeiro passo. Com o apoio da família e tendo a determinação de seguir adiante Karina tornou o sonho realidade e traga seu caminho de sucesso em cada projeto.

A irmã Renata Marques destaca um ponto interessante nesta história toda e conta que quem queria realmente aprender a tocar violão era ela.

Porém, quem se deu melhor foi a Karina. “Nós começamos a fazer a aula de violão na igreja e com um mês eu não conseguia sair da primeira música e ela já estava tocando várias músicas. Dom Deus dá e você não consegue fazer uma coisa que não seja da sua vontade. Na nossa família não tinha nenhum músico e começou com ela mesma, nasceu com ela.”

No momento em que decidiu pela carreira artística, Marques cursava o segundo ano de Direito. Seus pais estavam separados e, em especial para o pai advogado, essa troca não foi lá muito interessante a princípio. “Ela me deixou meio chocado quando largou um curso de Direito para ir tocar nas noites. Mas, isso já era uma paixão antiga que eu desconhecia. Então, tudo bem”, comenta José Nogueira que



Determinada - A cantora e compositora abandonou o Curso de Direito para tocar em barzinhos de Campo Grande

também afirma possuir muito orgulho da filha.

Como se sabe não é fácil entrar e se manter em um mercado tão instável como o da música. Ainda mais quando se tem uma vida cheia de obrigações e afazeres. Para os que pensam que Karina é uma “cigarrinha”, igual aquela da história se engana. Formada em Jornalismo pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e cursando Psicologia na mesma universidade, a cantora se divide entre estudar pela manhã, participar de projetos no período da tarde e cantar em bares populares de Campo Grande no período da noite. “É bem corrido mesmo, jornada tripla”, afirma Karina sorrindo.

De acordo com colegas da Psicologia, Karina é uma pessoa bem animada e faz questão de conversar com todo mundo. Quando há possibilidade, ela também se utiliza da música para complementar as apresentações de trabalhos. Marques também é vocalista, desde 2001, do grupo Aves Pantaneiras, composto por acadêmicos de diversos cursos da UCDB.

Suas apresentações são bem ecléticas indo da Bossa Nova ao Pop Rock. O motivo

é simples. Não restringir a atuação no mercado, mas se adequar ao contexto e público a que se dirige. Paralelo a isso estão seus trabalhos autorais. A cantora já gravou

um CD, fruto do trabalho de três anos na estrada fazendo shows. Agora ela pretende gravar outro trabalho e para isso já possui um repertório com cerca de sessenta músi-

cas. Segundo Karina, a “parte artística está pronta, mas ainda falta financiamento para ser concretizado o projeto.”



Multi - Formada em jornalismo, agora Karina cursa psicologia

DE TODO SEU BEM

Karina Marques

Vem, que eu só te chamo
Porque quero o seu bem
Pois, nessa vida
O que importa é ser feliz
Ainda nos resta algum motivo pra sonhar

Ei, como fingir que isso tudo já passou
Se, na verdade, tudo apenas começou
E nada prende mais que o teu carinho

Vem, me estende a mão
Me transmite a certeza
De que eu não estou só, não estou sozinha

Vem, vamos tentar
Descobrir aonde essa loucura vai nos levar
Eu com você, não importa o lugar

Eu quero te dar tudo que eu possa oferecer
Nenhum amor tem a menor razão de ser
Nunca se escolhe um sentimento

Vem, me estende a mão...

Bela vida de quem compõe o Pantanal

Tatiana Gimenes

Conhecido como um dos mais premiados artistas da música regional, Guilherme Rondon é cantor, compositor e intérprete de suas próprias canções. Nasceu em 1952, em São Paulo, onde é chamado constantemente para

fazer gravações. Sua formação musical foi toda feita no mesmo local nos anos 70 no auge da Bossa Nova, do Clube da Esquina e dos Beatles. Hoje ele diz que sua música é uma mistura disso tudo mais a música que ouvia no Pantanal na infância, “muito chamamé, polcas e guarânias”, declara. “Paiguás” e “Isso e Aquilo” são duas de suas composições que considera mais impor-

tações para a carreira. A primeira, em parceria com Paulo Simões, ganhou o Prêmio Sharp 92, e a segunda, composta junto a Iso Fischer, já foi gravada por Nana Caymmi e César Camargo Mariano. Criou o grupo Chalana de Prata, em 1996, com Celito Espíndola, Paulo Simões e Dino Rocha, onde buscam um resgate da verdadeira

música pantaneira. Atualmente possui três CD's solo, o mais recente se chama “Três”. O artista cultiva verdadeiras amizades no ramo. José Eduardo Camargo, músico e parceiro é um de seus muitos amigos e conta que já admirava o trabalho de Guilherme antes mesmo de conhecê-lo. “Foi uma grande honra poder trabalhar com ele, co-

VIDA
bela,
VIDA

Guilherme
Rondon

Intenções e orações, aflições, vamos repartir.
Pensando bem, quantos sonhos deixamos pra trás.
Outros, porém, nós tornamos reais.
Vida bela linda vida
E
Por que não viver
Muito tempo ainda, junto com você.
Vida bela linda vida, só quero viver.
Muito tempo ainda, junto com você.
Deve existir, um motivo pra continuar.
Aonde ir, ou pra onde voltar,
Indecisões, com o tempo só vem aumentar.
As decepções, sempre tão fatais.
2X{ Nossos corações, quando podem ser felizes batem
muito mais.
Vida bela linda vida, só quero viver.
Muito tempo ainda junto com você
Vida bela linda vida
E
Por que não viver
Muito tempo ainda junto com você
Junto com você



Sucesso - O paulista mais pantaneiro do mundo já teve composições gravadas por grandes intérpretes da música brasileira

A modéstia de ser Celito Espíndola

Magna Melo

Marcelo Ricardo Miranda Espíndola, conhecido popularmente como Celito Espíndola, é um ícone da música popular sul-mato-grossense. Referência de bom gosto e profissionalismo, simbolizando toda uma região, um povo.

Modesto, Celito coloca em dúvida se realmente é um referencial para outros músicos do Estado. Mesmo com uma trajetória repleta de sucesso, na década de 70 junto com os irmãos, Tetê, Geraldo e Alzira formavam o grupo Lírio Selvagem, que teve até clipe no Fantástico. Mas ele não sente saudades. “Quem vive parado olhando para trás é poste”, dispara. Astuto e desconfiado não

aceitou ser chamado de “A elite da música regional”, acreditando que esse título possa tachar uma música como superior a outra. “Isso não existe, na era da globalização existe uma variedade de estilos”, explica. Nome expressivo como o próprio. Seu jeito de falar revela um sul-mato-grossense nato e bem humorado. Já suas músicas falam do cotidiano das pessoas, mas ele deixa claro que nada têm a ver com seus sentimentos, não refletem suas emoções pessoais. Com uma certa intolerância, e momentos de ironia, Celito afirma não ter essa visão de que a arte é inspiração das experiências. “É ingenuidade compor para expressar emoções, mas tem artistas que fazem assim”, diz Celito e reconhece que em algumas composições, no começo da carreira também são frutos decorrentes das emoções íntimas. Para ele arte é levada a sério, defende o regional acreditando que o Estado tem uma identidade sim, contradizendo os críticos pessimistas, que dizem que não existe uma identidade em MS. Para ele isso é uma balela, uma pessoa que diz uma coisa dessa, não sabe nem o que é identidade. Otimista, Celito Espíndola acredita no potencial dos

artistas da terra. Segundo ele, MS vai ter seu momento glorioso no futuro, um Estado jovem, sem público expressivo para consumir e valorizar o regional, há músicos jovens que farão sucesso, vão crescer juntamente com o Estado. Atualmente Celito Espíndola dedica-se ao trabalho acadêmico, e dirige rádio educativas. Valdir Pereira Rosa, radiologista e músico, é colega de trabalho de Celito e revela ser um fã não só dele, mas de toda a família Espíndola. Contradizendo o próprio perfilado na sua modéstia, revela o colega como um dos maiores compositores e intérprete da música regional sul-mato-grossense, sendo seu diferencial sua busca e pesquisa, aprofundando-se no tema de suas músicas, identificando sempre o regional, valorizando e tentando levar um o pouco do MS para o Brasil. Outro colega de trabalho, Zé Du também músico, revela que seu companheiro teve seu êxito na década de 70, com um clipe exibido pelo Fantástico, mas desistiu, acredita que o colega gosta mesmo é de mato. Relata que ele mesmo procurou o colega para produção do seu CD, revelando a capacidade e o bom gosto do Celito para musicalidade.



Qualidade - Mesmo sendo ícone, Celito não se deixa envaidecer

GATA VADIA
Celito Espíndola

Quer meu bem que eu seja o ar
Que ela possa respirar
Quer que eu seja o mar
Pra que ela possa navegar devagar
Ela quer sentir-se no céu
Ela quer o gosto do mel
Quer a noite, quer o vinho
Quer mergulhar no prazer
Quer carinho, gata vadia
Sacia essa sede de amor
Que insiste em continuar a queimar
Nossa pele numa ânsia febril

Gata no cio me faz esquecer
Que o frio existe lá fora
E aquece o nosso ninho de amor
Quer meu bem que eu seja a luz
Que ela possa ver brilhar
Quer que eu seja o sol
Pra que ela possa em mim se queimar
Devagar
Ela quer sentir-se feliz
Ela quer bem mais do que diz
Quer a noite, quer o leite
Quer se entregar na paixão desse jeito.

Pensante

Rodrigo Teixeira é personagem da trama histórica que vai documentar

Pai da polca-rock investiga história da música em MS

COLISÃO

Rodrigo Teixeira

Você também conhece
E gosta do nosso ritmo
Pensa que não pode
manter
Que é melhor nem tentar
Não te quero fria
memória
Nem te quero mito de
história

Eu te chamo porque sei
Que não é de pano
Seu sorriso de prazer
É mentira seu medo de
me dar a mão
É besteira negar nossa
colisão

Tenho pressa
Te quero agora
Sem antes da guerra
Vem comigo
Não pense, não fale
nada
Apenas segure a levada

Priscilla Peres

Quando decidi fazer o perfil do músico e jornalista Rodrigo Teixeira, confesso ter ficado um pouco nervosa, pois teria que falar de uma pessoa referência em Campo Grande, quando se trata de música e cultura regional. Ainda mais, teria que entrevistar um jornalista, conhecido por seus trabalhos e competência. Mas me surpreendi com sua simpatia e simplicidade em aceitar que uma pessoa completamente estranha falasse sobre sua vida. Em todo momento ele se mostrou muito disposto a me ajudar e contribuir com todas as informações que eu precisava.

Rapidamente pude perceber que eu estava falando de alguém muito culto e que fazia jus à sua “fama”. Rodrigo surpreende pela sua origem, pois dificilmente encontramos pessoas do interior com tanto interesse pelas artes. Nascido no Rio Grande do Sul, o rapaz que morou em várias cidades até chegar em Dourados, aos 10 anos mantém boas lembranças dos jogos de bola, fazenda e gurizada.

Sua mãe, Maria Lúcia, diz que desde pequeno, com 11 anos Rodrigo já lia muitos livros não convencionais para sua idade, deixando à mostra seu lado mais intelectual. Influenciado pela sua família de artistas, Rodrigo demonstra seu apego à música ainda na adolescência, quando ganha um violão que com muita facilidade começa a tocar e junto com o músico Caio Ignácio começam a formatar a idéia da polca-rock, compondo sua primeira música do gê-

nero chamada “Mal Melhor” em 1989.

Na tentativa de sair do Estado e levando em conta seu gosto por ler e escrever, em 1988 decide fazer jornalismo na faculdade de Mogi das Cruzes (UMC) em São Paulo. Ainda indeciso pelo curso, acaba se envolvendo muito com a música, tranca a faculdade por um tempo e começa a tocar com a Banda Olho de Gato. Depois retorna, termina o curso de jornalismo e passa a dedicar todo o seu tempo à música. Só em 1994 começa a trabalhar no jornal Diário de Suzano como repórter de esporte, e segundo ele foi quando descobriu a profissão e passou a se dedicar à ela. Deixando a música um

pouco de lado, Rodrigo mudou para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar na TV Press, “foi quando virei jornalista” diz ele.

Ainda assim, em 98 grava seu primeiro disco. Em 2004, saturado da correria no Rio, Rodrigo volta a Campo Grande à convite de Pedro Ortale para ser Assessor da Fundação de Cultura e então começa a se envolver com a produção dos festivais de cultura que acontecem em Corumbá e Bonito.

Atualmente trabalhando como editor do caderno de cultura do jornal O Estado de MS, Rodrigo diz que para o jornalismo seu ideal é lançar seu livro chamado “Os Pioneiros da Música de MS” em março de 2009 e futuramente

virar escritor.

Já na sua carreira musical, segundo sua mãe, Rodrigo está perto de chegar ao topo e poder fazer o que realmente gosta tendo seu sucesso reconhecido. Lançando seu terceiro disco, agora com o grupo “Mandioca Loca”, o músico se considera uma pessoa de sorte e realizada tanto na vida profissional quanto pessoal, casado com a também jornalista Elaine Valdez e com sua filha de dois anos Ana Lua, Rodrigo acredita que nunca se pode parar, mas procurar chegar mais a fundo, conquistar mais.

Foto: Priscilla Peres



Resgate - Jornalista Rodrigo Teixeira escreve livro sobre pioneiros da música em MS

No “Filho dos Livres”, Guga mostra a sensibilidade de 20 anos de carreira

Singularidade traduzida em canção

Bruna Lucianer

O olhar é sereno e fixo; o sotaque, praticamente indecifrável; os trejeitos são de um adulto que estacionou nos sonhos e prazeres da juventude. Guga Borba é um músico que vive intensamente a matéria-prima do seu trabalho: cada instante, cada acontecimento é único e pode virar canção nas mãos do poeta.

Curitibano de

alma pantaneira, Gustavo Renato Borba nasceu em 06 de junho de 1975. Durante a infância, o primeiro instrumento que dominou foi o skate. Mudou-se para Campo Grande aos 10 anos de idade, e as ruas inclinadas da Capital Morena tornaram-se um desafio para o garoto sobre as quatro rodinhas. Para dar um fim aos insistentes hema-

tomas causados pelos tombos, propôs aos pais uma

justa troca: o skate pelo violão. Começaria aí uma paixão ardente e eterna.

Aos 13 anos, em algum dia como outro qualquer, depois de uma partida de vôlei, os amigos resolveriam unir-se e formar a “Inverno Russo”, primeira banda onde Guga e Guilherme Cruz tocariam juntos. Todos inexperientes, levando uma batida com pouca sincronia e levemente desafinada, conseguiram completar quatro anos de banda.

Em meados da década de 90 Guga e Guilherme foram para São Paulo e formaram a banda de country-rock “Bella Dona” com mais dois amigos. Fecharam contrato com

a Warner e lá ficaram por cerca de quatro anos.

No ano de 2000, nasceu a banda “Naip”, que também contou com a participação de Guilherme. Durou até 2004, quando nasceria o “Filho dos Livres”. A banda foi a decisão de entrar no mercado de um jeito diferente, só com composições próprias. Guga e Guilherme: o duo que caminha junto há quase 20 anos é um dos maiores sinônimos de música regional em Mato Grosso do Sul. Guilherme é a cabeça, Guga é o coração; e assim pulsa uma amizade maior do que a própria música, se é que há algo maior que a música.

Hoje, aos 33 anos, é impossível falar do Guga sem falar de música; é graças a ela que ele sobrevive, seja nos palcos, nos bastidores ou sentado em frente ao computador fazendo design de capas de CDs. Mas por sorte e ironia do destino, o acontecimento mais marcante na vida dele não tem nada a ver com música. O nasci-

mento de sua filha Pietra, quando ele tinha 22 anos de idade, foi o grande salto da sua história, foi quando ele percebeu que “a gente não vem pra Terra pra ficar bagunçando o tempo todo”. Guga é parceria, é seriedade, é perseverança. Para Guilherme, padrinho da Pietra, o adjetivo perfeito seria “singular”; “ele vê as coisas de maneira interessante, diferente; dentro do que ele considera correto, trabalha com afinco para realizar seus objetivos”, palavra de quem sabe *Quanto vale ser Alguém como você é*.

Parceria mais longa do que a com o Guilherme, só a com o pai. Seu Nelson fala em alto e bom som: “um baita de um orgulho!”. Gemiliano característico deixou marcadas no pai as características de determinação, objetividade e até um pouco de teimosia. Um adjetivo? Amigo. Um *Cantador* que merece uma trajetória repleta de *Madrugadas* musicadas, com inúmeros *Novos ciclos* e cheia de *Auroras*.



Escalada - Desde a primeira banda, o “Inverno Russo”, Guga aprimora sua técnica e afina seu estilo musical ímpar

“O cabeça” de uma história composta de sucesso e amizade

Helton Verão

Em julho de 1975, a Santa Casa de Campo Grande, Mato Grosso do Sul enfrentava problemas com infecções em sua área da maternidade, com isso a decisão sobre um parto foi tomada, ir até Volta Redonda no Estado do Rio de Janeiro para acontecer. Então, no dia 12 de julho de 1975, nascia Guilherme Cruz. O primeiro mês de vida foi na casa de sua tia, na cidade carioca, aí sim ele retornou para a Capital morena onde mora. Guilherme se considera campo-grandense de coração.

Foi aqui que viveu toda sua infância e teve seu primeiro contato com a música e o violão aos sete anos de idade. Carlos Colman e Orlando Brito são os mestres que aproximaram Guilherme da música e do violão.

Aos 13, sua primeira experiência com a guitarra, agora quem lhe ministra aulas é Edinho da antiga e conhecida banda de rock “Alta Tensão”, e desde cedo nunca teve vergonha de literalmente como o próprio caracterizou “por pra fora suas composições”. No mesmo ano ele conhece seu amigo e parceiro Guga Borba, ambos com a mesma idade se conhecem em um estúdio da banda

Inverno Russo. Após terminar o ensino médio, vai para Los Angeles estudar música, lá tocou em uma banda de rock, mesmo sendo menor de 21. “Lá é proibido entrar nas boas, e não era essa a idéia” comenta Guilherme.

Após isso Guga que também fazia parte da banda voltou para Campo Grande e começa a trabalhar com a banda Naip, e Guilherme Cruz volta para os Estados Unidos para estudar, isso tudo em 1998. Engenharia de Áudio foi o curso escolhido por ele.

Um ano e meio depois ele retorna para o Brasil com emprego já assegurado, pois conseguiu via fax com empre-

sários que conheceu em São Paulo em sua passagem por lá. Empregado no Estúdio 43, alguns anos depois ele começa a trabalhar no Midas Estúdio do empresário famoso e conhecido Rick Bonadio, lá foi assistente de mixagem de álbuns de artistas famosos como Ira!, Sandy & Junior, Ultraje a Rigor, Tihuana e até Carla Perez.

Depois de trabalhar alguns anos no Midas, ele decide retornar para Campo Grande, a banda Naip necessitava de um guitarrista na mesma época, cargo assumido por Guilherme. O atual trabalho ao lado do amigo Guga, o “Filho dos Livres”, já tinha muitas produções e composições dos

tempos de Naip ainda, então ele lembra que não tem data certa para especificar quando começou o Filho dos Livres. Amigo há 20 anos, Guga Borba é só elogios ao descrever Cruz. “O Guilherme é um cara muito amigável, parceiro, sempre acessível a tudo, compreensivo, inteligente, sabe ouvir as pessoas e fora o grande profissional que ele é”, elogia Borba. A disputa de vídeo game anima às segundas-feiras, a “rivalidade” no futebol vir-

tual desde 1994, são alguns dos hobbies da dupla de amigos além da música claro. Um rapaz humilde, simpático, que além da música tem outras paixões como cachorros e a cidade de Los Angeles. Esse é Guilherme Cruz, uma das figuras mais conhecidas da música regional, que junto a Guga e seu profissionalismo vem conquistando a preferência musical de todos adoradores da música bem escrita e de qualidade.



Vou deixar a lareira acesa
e sobre a mesa, o jantar.
Vou levar a marmitta tão boa
que a própria patroa me faz.
Quando digo as coisas tão lindas
não te faz mal,
quando digo que sempre fascina
Meu carnaval.

A manhã vai se abrir
em todo o céu
carmesim,
A “lerdeira” certa
que sempre certeza
se faz.
Vou levar a
bagagem mais
cedo
pra não te
acordar.

Quando digo as
coisas tão lindas
não te faz mal,
Quando digo que
sempre fascina
Meu carnaval.
Quando digo as
coisas tão
lindas,



Razão -Na parceria de 20 anos dos integrantes do duo “Filho dos Livres”, Guilherme Cruz utiliza de inteligência e muito talento para conquistar o público